

A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS CULTURAIS NA ADOÇÃO E MANUTENÇÃO DA AGROECOLOGIA¹

Evandro de Oliveira²
Adilson Francelino Alves³

Resumo: A agroecologia vem sendo uma alternativa produtiva para a agricultura familiar. Entretanto são vários os fatores que influenciam os produtores familiares a adotarem ou não esta prática, bem como também manter ou não a mesma. Este artigo tem por objetivo discutir a contribuição da cultura para a agroecologia, ou seja, de que maneira os aspectos culturais influenciam produtores a aderir ou não aderir, manter ou não manter a agricultura agroecológica em suas propriedades.

Palavras-chave: Agroecologia, Agricultura Familiar, Cultura.

THE INFLUENCE OF CULTURAL ASPECTS IN THE ADOPTION AND MAINTENANCE OF AGROECOLOGY

Abstract: Agroecology has been a productive alternative for family agriculture. However there are several factors that influence family members to adopt this practice or not producers, and also keep the same or not. This article has by purpose to discuss the contribution of culture to agroecology, in other words, how the cultural aspects influencing producers to uphold or not uphold, maintain or not maintain their properties in agroecological farming.

Key words: Agroecology, Family Farming, Culture.

Introdução

O artigo tem por objetivo identificar e entender a influência de fatores culturais na adoção e manutenção da agroecologia por parte dos agricultores familiares. A pesquisa elaborada para se atingir essa finalidade foi realizada no município de Medianeira, localizado no Oeste do Paraná, especificamente em uma associação de agricultores denominada Associação dos agricultores familiares e Ecológicos de Medianeira – AAFEMED. Foram realizadas oito entrevistas qualitativas e vinte e uma entrevistas quantitativas. As entrevistas qualitativas foram gravadas com gravador de voz e transcritas com base no método documentário de Karl Mannheim; foram aplicados também vinte questionários quantitativos aos agricultores familiares e um questionário ao técnico agrícola que fornece suporte a estes produtores. Com este técnico também foi realizada uma entrevista qualitativa. Do total das entrevistas qualitativas, para esse artigo, foram utilizadas quatro: três de agricultores agroecológicos, aos quais foram atribuídos os seguintes códigos Bm⁴, Am e Jf e uma entrevista a um agricultor convencional denominado de

¹ Este artigo foi estruturado com base na dissertação de mestrado “Cultura e agroecologia: a influência de aspectos culturais na adoção e manutenção da agricultura agroecológica” defendido no Mestrado de desenvolvimento rural sustentável (PPGDRS – Unioeste).

² Doutorando no programa de pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC) e Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

³ Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

⁴ Estes códigos são utilizados para preservar a identidade dos produtores. As letras em maiúsculo representam o nome fictício dado a estes produtores, e as letras minúsculas simbolizam o sexo, sendo “m” para masculino e “f” para feminino.

Em⁵. Embora não utilizadas diretamente as demais entrevistas foram utilizadas como elementos complementares para esta pesquisa.

Em relação aos aspectos teórico-metodológicos⁶ da pesquisa foram utilizadas as teorias de Karl Mannheim através do Método Documentário, que nos permitiu acessar as visões de mundo dos agricultores; de Norman Long utilizamos a Teoria Ator-Orientado, que nos ofereceu os conceitos de Campos de batalha do conhecimento, Interface social, Cultura e Significados e agência, permitindo assim uma compreensão dos conflitos, negociações e mudanças sociais advindos de projetos de desenvolvimento rural; por fim utilizamos a Teoria Ator-Rede de Michel Callon e Bruno Latour que possibilitou a compreensão das redes nas quais os produtores estão inseridos, dessa teoria utilizamos basicamente os conceitos de híbridos e de tradução.

Para discutir o conceito de cultura nos utilizamos dos seguintes autores: Certeau (2008), Eagleton (2005), Laraia (2009), Geertz (2008) e Bauman (2012); para discutir a agroecologia utilizamos as teorias de Altieri (2004), Caporal (2011), Gliessman (2000), Leff (2002), Brandenburg (2002) e Wezel *et al* (2009) e por último, para discutir o conceito de agricultura familiar, adotamos como referência as obras de Abramovay (1990), Abramovay *et al* (2005), Bauanin *et al* (2003) e Bauanin (2006).

O presente artigo está dividido em seis seções, sendo que em cinco delas procuramos demonstrar a influência da cultura na agricultura agroecológica com enfoque nas visões de mundo (*weltanschauung*)⁷ dos atores, e por último as considerações finais. Os tópicos discutem os aspectos culturais que contribuem na adoção e manutenção da agroecologia, assim como, salienta alguns aspectos da não adoção ou da não perpetuação da agroecologia como uma prática ou alternativa de produção. Num primeiro momento, partimos do entendimento de que a agroecologia pode proporcionar muitos benefícios aos agricultores que a praticam; em um segundo momento abordaremos os motivos apresentados para o abandono da prática dessa agricultura.

Os Benefícios Advindos da Agroecologia

A agroecologia pode proporcionar vários benefícios aos seus praticantes como saúde, necessidade de menor quantidade de insumos, maior controle na produção, proximidade com o

⁵ A escolha desse agricultor deveu-se ao fato de que ele é atualmente um produtor convencional, mas praticou por agroecologia tendo abandonado a prática após muitos anos.

⁶ A discussão em torno dos de todos os aspectos teóricos e metodológicos não será exposta no artigo devido ao número limitado de páginas recomenda-se aos interessados a leitura da bibliografia utilizada para confecção do texto.

⁷ Para Mannheim a *Weltanschauung* ou visão de mundo é resultado das vivências ou experiências em vividas em série e ligadas por uma mesma estrutura e que se constitui como uma espécie de base comum pela qual perpassam as experiências de múltiplos indivíduos. É dessa forma algo vivido pelas experiências práticas dos indivíduos e compartilhada em diferentes instâncias, constituindo assim um conhecimento *ateórico*.

mercado, etc., e por causa desses benefícios muitos produtores adotam ou mantêm esta forma de produção. . Num primeiro instante, identificamos na pesquisa que a agricultora **Jf** retrata que a agroecologia foi, para ela, uma alternativa produtiva; em suas palavras “a gente começou a ver uma luz no fim do túnel” (Jf: entrevista “1” Agricultora, pesquisa de campo, linha 20). Segundo ela, após a intoxicação de seu marido, tiveram dificuldades em sua propriedade, pois eles eram da “lavoura” e sua migração para o meio urbano seria inviável para a família, uma vez que eles só sabiam trabalhar no meio rural. A afirmação da agricultora vem de encontro com a concepção de Brandenburg (2002) que diz ser a agroecologia uma opção de sobrevivência aos agricultores familiares.

Outro aspecto que faz da agroecologia uma alternativa produtiva é sua ótica de diminuição do uso de insumos externos na propriedade. Para Gliessman (2000) este é um dos objetivos da agroecologia. Esta premissa é retratada por **Jf** que afirma o baixo custo que a família tem com a compra de insumos, pois dão ênfase ao uso de recursos da própria propriedade. De fato, a agroecologia ofereceu a **Jf** o que Altieri (2004) afirma, isto é, um arcabouço teórico-metodológico que visa um entendimento do funcionamento dos agroecossistemas. Esse conhecimento de como funciona um agroecossistema permitiu que **Jf** diminuísse a compra de insumos na sua propriedade.

A teoria que embasa a agroecologia vê a propriedade rural como um sistema composto por interações entre meio ambiente e seres vivos. Essa ótica se incorporada pelo agricultor praticante da agroecologia propiciará vários benefícios para o produtor e para a produção. Identificamos essa interação nas falas de **Jf**, que retrata o caso dos ataques de pragas na sua propriedade e argumenta que isso ocorre pela falta de equilíbrio ambiental na lavoura. Essa visão de **Jf** vai de encontro com a opinião de Gliessman (2000), o qual diz que a agroecologia oferece saberes e metodologias que visam entender o funcionamento dos agroecossistemas.

Outro aspecto, agora ressaltado pelo agricultor **Em**, é com relação a saúde, em suas palavras: “até para a saúde da gente melhorou, a gente se sentia outra pessoa” (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 142). Na concepção de Bauman, uma das funções da cultura é ordenar o ambiente humano. Avaliamos que a agroecologia propõe diversos conhecimentos, técnicas e metodologias para que sejam aplicados num agroecossistema. Estes elementos proporcionados pela agroecologia atuam de forma horizontal padronizando o comportamento de seus praticantes, ou seja, os agricultores agroecológicos aderem a novos hábitos produtivos ao praticar agroecologia. Estes novos hábitos resultam em produtos de qualidade e melhorias na saúde do produtor.

Para Altieri (2004), os agroecossistemas são diferentes entre si, mas algumas características são compartilhadas por estes sistemas agroecológicos: produzem para consumo

local, utilizam variedades de espécies de plantas e animais, não utilizam insumos externos à propriedade ou usam somente o necessário. Neste sentido entendemos que estas semelhanças encontradas nos distintos agroecossistemas, como, por exemplo, a não utilização de insumos químicos são padrões da agroecologia, já incorporados pelos produtores e que resultam em benefícios aos praticantes.

Entretanto, apesar de enfatizem os benefícios proporcionados pela agroecologia, os agricultores pesquisados também destacaram algumas dificuldades enfrentadas por eles. A seguir discutiremos este assunto.

Dificuldades para Praticar Agroecologia

Um dos maiores obstáculos dos produtores, evidenciados em nossa pesquisa, é a perda de produção. Segundo a agricultora **Jf** ela perdeu grande parte da produção de tomates devido a ataques de insetos na lavoura, e que apesar de ter aplicado diversos produtos não obteve sucesso no controle das pragas. Após algumas tentativas, conseguiu encontrar um composto que foi eficaz no extermínio das mesmas. Com base no depoimento de **Jf**, podemos deduzir o limite de conhecimento da agricultora com relação às adversidades e interações com o meio ambiente que aparecem na produção estimulando os agricultores a constante necessidade de ampliar o conhecimento sobre os sistemas naturais.

Este aspecto levando por **Jf** conecta-se ao que diz Leff (2002) para quem a agroecologia é uma constelação de conhecimentos que abrangem técnicas e saberes tradicionais diversos, que envolvem diferentes culturas, condições econômicas e ecológicas, entre outras. Em suma, os saberes agroecológicos se forjam nas interfaces entre cosmovisão, teorias e práticas. Simultaneamente Gliessman (2000) explica que os agroecossistemas devem ser vistos como complexos ambientais, e questões como temperatura, umidade, interações abióticas e bióticas devem ser levadas em consideração na produção. Estas duas opiniões envolvendo os saberes agroecológicos deixam claro a gama de conhecimentos que os produtores precisam ter em seu cotidiano, o que resulta em um longo e lento processo de aprendizagem. Com isso as dificuldades expostas por **Jf** são advindas desta complexidade com as quais os agricultores devem interagir.

A propriedade de **Am** vivencia a mesma problemática da perda de produtos. Um dos motivos retratado por **Am** é “descobri o produto que tu vai passá” (**Am**: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linha 32), diante dessa afirmativa, pode-se interpretar que isso reflete na falta de conhecimento do produtor com relação às pragas que atacam a produção. Outro motivo apontado por **Am** é a falta de tempo, segundo o produtor, o mesmo tem muitas atividades para realizar, o que deixa seu tempo limitado para resolver todos os problemas. **Am** também explica

que o valor pago pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)⁸ é baixo, pois há muita perda de produtos em sua propriedade, e que mesmo com os trinta por cento a mais pago pelo PAA como diferencial valorativo por ser um produto agroecológico **Am** não consegue “recuperar” o que foi perdido. Ele ainda frisa que em um dado momento, se seus pais, que são aposentados, não lhe ajudassem financeiramente, ele “não sabia como iria se virá” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linha 114). Fica claro que **Am** tem enfrentado muitas dificuldades com relação à produção por não ter, ainda, conseguido resolver os problemas de infestação de pragas que tem causado perdas de produtos e em decorrência disso também perdas financeiras.

Altieri (2004) sintetiza que a agroecologia deve interagir com conceitos agronômicos ecológicos e socioeconômicos, ao mesmo tempo Gliessman (2000) esclarece que uma teia de conexões é formatada a partir de um agroecossistema. Estas duas concepções nos ajudam a entender a falta de tempo comentada por **Am**. A partir do momento que ele adotou a agroecologia como prática, uma complexa rede é estabelecida, pois ela (além das áreas agronômica e ecológica) interage com outras esferas do conhecimento. Para esta rede se estabilizar **Am** teria ainda mais tarefas a realizar envolvendo, além da produção, aspectos socioeconômicos (mercados, assistência técnica, acesso à informação, financiamentos e etc.).

Segundo Law (1992) o conhecimento é gerado através das redes híbridas, ou seja, o conhecimento é originado através da interação entre humanos e não-humanos. O conhecimento é um produto final das conexões existentes nas redes. Como as redes nas quais a agroecologia está inserida são redes curtas, o conhecimento gerado por estas redes será limitado, principalmente os saberes que são relativos às novas tecnologias. Neste sentido, não seriam os indivíduos em si (o agricultor) que são limitados, mais sim as redes da agroecologia que podem ser demasiadamente curtas e não possibilitam uma circulação muito eficiente das técnicas e informações.

A falta de incentivo ao produtor agroecológico é outro aspecto que dificulta a manutenção da agroecologia; fato que é evidente nas visões de mundo tanto de **Am** como de **Jf**. Iniciando com **Jf**, a agricultora é questionada sobre o suporte dado à agroecologia vindo de entidades governamentais ao qual ela responde que o apoio do Estado é mínimo, como exemplo ela ressalta a Emater. Este órgão do Estado oferece pouco suporte técnico aos agricultores da AAFEMED e o suporte dado pelo Município também é mínimo.

⁸ Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) “O Programa de Aquisição de Alimentos - PAA - é um instrumento de estruturação do desenvolvimento da agricultura familiar, acionado após a etapa final do processo produtivo, no momento da comercialização, quando o esforço do pequeno produtor precisa ser recompensado com recursos que remunerem o investimento e a mão-de-obra e lhe permita reinvestir e custear as despesas de sobrevivência de sua família. Considerado como uma das principais ações estruturantes do Programa Fome Zero, o PAA constitui-se em mecanismo complementar ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf)” Fonte: <http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1125>.

O agricultor **Am** se reporta em várias passagens do seu discurso à falta de incentivo ao produtor. Para **Am** os governos municipal, estadual e federal devem dar um maior suporte para o agricultor familiar. Em suas palavras: “vamos ver o incentivo dos governo aí, se tivé incentivo a gente vai produzi sem problema” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 387-388). Perguntamos a **Am** se o mesmo permaneceria na agricultura agroecológica; ele demonstra incerteza e diz que tem vontade de dar continuidade ao trabalho, porém muitas vezes fica “meio assim com o orgânico”. Conforme **Am** seus planos seriam dar continuidade ao trabalho com a agroecologia, no entanto ele ressalta “muitas vezes trabalhá com o orgânico não é que nem o convencional, tu aplicô já tá melhor na hora” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 178-180).

Essa indecisão fica nítida também em outras passagens da entrevista, na qual ele admite já ter pensado em mudar para a agricultura convencional devido à influência de seu irmão, e admite que, às vezes, ele fica “balançando”. Entendemos que essa indecisão de **Am** é devido às dificuldades que o mesmo enfrenta em sua propriedade, dificuldades que talvez fossem amenizadas se o produtor agroecológico tivesse mais incentivo governamental. De acordo com Buainain (2006), a agricultura familiar possui um caráter heterogêneo, no qual fazem parte produtores que vivem em péssimas condições de vida e, simultaneamente, produtores que vivem em boas condições. Essa diversificação é derivada de fatores socioeconômicos, culturais, ambientais, disponibilidade de recursos naturais e humanos, mercados, entre outros. Constatamos que os agricultores **Jf** e **Am** estão no “grupo” dos que possuem dificuldades de acesso a recursos humanos e econômicos.

Além das dificuldades retratadas pelos produtores que implicam na não adoção e não manutenção da agroecologia, o êxodo rural é outro fator cultural que contribui para que agricultores não pratiquem agroecologia, abordaremos este aspecto a seguir.

“Medianeira vai virá a cidade da soja”

A expressão citada acima é a opinião do agricultor **Em** com relação ao meio em que vive. Em nossa pesquisa, identificamos nos relatos dos produtores uma preocupação dos mesmos com o êxodo rural. Iniciando com a agricultora **Jf**, a mesma destaca que muitos jovens da sua comunidade estão trabalhando na cidade e abandonando as propriedades, ela enfatiza que os jovens não optam por ficar no ambiente rural, pois sofrem discriminações por serem colonos.

Am comenta que os jovens que vivem no campo querem ir para a cidade. Ele conta que está incentivando suas filhas a ficarem no campo, entretanto afirma que não pode obrigá-las a ficar, e para que elas permaneçam no campo ele precisa ter condições de sustentá-las.

Conforme Buainain (2003), o êxodo rural tende a diminuir o número de membros da família rural, segundo o autor, este fenômeno ocorre devido a melhores oportunidades oferecidas pelos centros urbanos ou ao pouco desenvolvimento local no meio rural. Em nosso estudo esses dois fenômenos também são evidenciados pelos agricultores. Para **Jf** muitos jovens optam por trabalhar na cidade, fato também destacado por **Am**, que enfatiza as dificuldades enfrentadas pelos jovens devido ao pouco desenvolvimento local.

O produtor **Bm** tem duas filhas, uma delas já saiu da propriedade e a outra ainda reside com ele. Sobre o futuro, conclui: “e as filhas não se sabe o que vai dá né. Se elas vão gosta de continuá ou o que?” (Bm: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 53-54).

O agricultor **Em** enfatiza que outro aspecto que impulsiona o êxodo rural é o não incentivo dos pais para os filhos ficarem na propriedade. Segundo **Em** a maioria dos pais, por terem tido difíceis condições de vida no meio rural, incentivam os filhos a estudarem e saírem da propriedade para que tenham uma vida melhor. Para Certeau (2008), cultura são comportamentos e ideologias que diferenciam sociedades e indivíduos. De modo que o comportamento dos pais, que incentivam seus filhos a saírem do meio rural, o fazem por refletirem sobre suas próprias condições sociais e, ao se enxergarem integrantes menos favorecidos de uma sociedade, projetam para seus filhos algo melhor e esse melhor é o que está fora da sofrida vida cotidiana. Contudo, alguns pais reforçam a ideia de reforço aos hábitos culturais. **Em** ressalta que na cidade de Medianeira está começando a diminuir o número de agricultores familiares, e que por isso é importante os pais passarem para os filhos a propriedade, pois no pensamento dele “Medianeira vai virá a cidade da soja”, (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 288).

Avaliamos que o êxodo rural além dos aspectos econômicos e problemas sociais é também um fator cultural, que ocasiona a expulsão dos atores que residem no ambiente rural para o ambiente urbano. Por sua vez esta expulsão ou migração diminui a mão de obra familiar, da qual a agroecologia é extremamente dependente, e por isso muitos produtores não adotam ou não mantêm a prática.

Nas duas últimas sessões discutidas, procuramos enfatizar as dificuldades que implicam na não adoção e não manutenção da agroecologia. No entanto, alguns aspectos influenciam a agroecologia de forma “dualista”, ou seja, influenciam os produtores a não adotarem ou não manterem a agroecologia, bem como a adotarem-na e a manterem-na. Abordaremos este assunto no próximo tópico.

Visão de Mundo dos agricultores sobre a agricultura convencional

Em primeira instância a prática da agricultura convencional contribui muito para que alguns produtores tenham dificuldades em permanecerem na agroecologia, como destaca a agricultora **Jf**. Segundo a mesma, com a modernização da agricultura, muitos saberes populares relativos à agricultura foram perdidos devido a revolução verde. Esta perda (de técnicas e saberes) aconteceu na maioria das regiões onde a modernização da agricultura foi introduzida, pois substituiu as técnicas tradicionais por pacotes tecnológicos que incluíam agroquímicos e insumos industrializados. Podemos estabelecer uma ligação com o que diz Gomes (2011) de que os saberes tradicionais, para serem transmitidos, dependem da constante renovação dos atores sociais que adquirem e transmitem estes conhecimentos de geração em geração. A erosão dos *conhecimentos populares* é derivada do êxodo rural seja pela não-transmissão para os descendentes ou pela substituição desses saberes por conhecimentos produzidos pela ciência. Fato este também retratado por Alves (2008) que destaca a substituição dos saberes locais por conhecimentos científicos globais que agem por meio de redes longas. Leff (2002) esclarece que as práticas agroecológicas trazem à tona saberes e técnicas populares. Discordamos e concordamos com Leff. Primeiramente concordamos, pois em alguns momentos a agroecologia revitaliza certos hábitos culturais, contudo, no caso de **Jf**, especificamente, a agroecologia não conseguiu recuperar seus saberes culturais.

Para Laraia (2009) as mudanças culturais provenientes de culturas externas são mais radicais e implacáveis que as mutações culturais endógenas. Essa mutabilidade cultural devido a fatores externos implica em grande substituição ou perda dos hábitos culturais de determinada cultura. Nossa pesquisa de campo evidenciou que os fatores externos associados à modernização da agricultura fizeram com que a agricultora **Jf** perdesse os saberes de seus avós.

Outra influência da agricultura convencional que contribui para a não adoção ou não manutenção da agroecologia como prática está nos seus métodos produtivos e relação com o mercado. O produtor **Em** retrata uma vantagem da agricultura convencional, “o convencional te dá ai cento e sessenta sacas de soja, o orgânico geralmente cento e trinta” (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 105). Nesta afirmação, a agricultura convencional para **Em** é superior em termos de produtividade em comparação com a produção agroecológica. Para ele isso é possível pelo uso de fertilizantes e adubos químicos, enquanto que na agricultura agroecológica acaba “faltando”, segundo ele algumas “coisas” que o solo não consegue recompor e o produtor não tem como substituir. Outra facilidade da agricultura convencional segundo **Em** é há utilização de tecnologias (máquinas, tratores, etc.) na propriedade. Segundo o produtor, o uso de aparatos tecnológicos facilita bastante a vida do produtor, pois conforme **Em**, é apenas uma questão de colocar a dosagem certa de agrotóxicos na máquina, que a mesma fará o trabalho.

Além de **Em** citar as facilidades da agricultura convencional, o mesmo compara esta e o cultivo agroecológico. Ele diz que quando praticava a agroecologia tinha dificuldades com as plantas invasoras, já que não usava pesticidas e, geralmente, perdia parte da produção. Ao mesmo tempo, **Em** explica que agora que está na agricultura convencional estes problemas não aconteceram mais, segundo ele “o convencional não, com os herbicida ai tu passo em meia hora ai tá resolvido o problema né!” (**Em** Entrevista “1” agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 117).

Segundo este agricultor a diferença entre agricultura convencional e agroecológica é nítida, pois se aparece problemas nas plantações basta adquirir o agrotóxico indicado e o problema está resolvido. Já quem pratica agroecologia, muitas vezes tem que “descobrir” qual produto passar.

Nesse sentido observa-se que para o produtor em análise a agricultura convencional está fortemente ligada à ciência e a agroecologia, por sua vez, possui uma fraca ligação. Observamos na nossa pesquisa que na agroecologia o elo com a ciência se estabelece através do técnico agrícola. Conforme Wezel *et al* (2009) a maneira como a agroecologia é praticada depende do histórico epistemológico da região, fatores como a existência de movimentos sociais ou tradições científicas designam a maneira como a agroecologia será aplicada. Em nosso estudo de caso observamos que a agroecologia está organizada como prática, pois não existe um movimento agroecológico sólido ou organizado em uma rede dinâmica; como um dos resultados observamos uma limitada ligação com a ciência. Isso tem por consequência dificuldades produtivas por partes dos agricultores agroecológicos, pois os mesmos são dependentes das práticas agroecológicas e possuem pouco acesso às novas tecnologias. No momento em que os agricultores **Am** e **Em** reportam as facilidades da agricultura convencional, percebe-se o quanto ainda precisa ser feito pela agroecologia. O que nos remete novamente a Laraia (2009) para quem a cultura pode sofrer modificações endógenas e exógenas. As mutações advindas de maneira endógena são mais lentas, já as mutações advindas de forma exógena são mais rápidas e implacáveis e mudam verticalmente a cultura influenciada. Neste sentido, entendemos que a “cultura” da agricultura convencional pode influenciar produtores a não adotar a agroecologia devido a seus métodos mais “fáceis” de produção.

Um fator interessante constatado na pesquisa de campo foi o abandono do agricultor **Em** da agroecologia. Além da influência da agricultura convencional outros aspectos concorreram para que **Em** abandonasse a prática agroecológica. Este produtor praticava agricultura convencional, mudou para a agroecologia e, posteriormente, voltou para a agricultura convencional. Podemos analisar esse roteiro desenvolvido por **Em** através do conceito de Tradução da Teoria-ator Rede (TAR).

Em inicia a prática agroecológica devido à intoxicação por agrotóxicos. Neste momento, o sindicato dos trabalhadores rurais proporcionou um curso de agroecologia, do qual **Em** participou. A primeira etapa do processo de tradução enfatizado por Callon (1986) é a problematização, nesta etapa o ator problematiza determinado assunto e ao mesmo tempo propõe soluções aos problemas levantados. No caso de **Em**, a problematização ocorreu em torno de sua intoxicação e a solução proporcionada foi a agroecologia, a primeira etapa do processo de tradução foi concretizada.

O segundo momento da tradução é o *interessamento* ou atração de interesse. Neste momento os atores envolvidos são colocados em posições definidas ou quase definidas. No caso da agroecologia, esta posição significa o produtor tornar-se agroecológico, esta etapa também é efetivada com o agricultor **Em**, pois o mesmo torna-se produtor agroecológico.

A terceira etapa é a Matrícula ou alistamento. Neste momento, as funções designadas nos processos anteriores devem ser cumpridas. É neste ponto que o processo de tradução falha, pois **Em** pratica agroecologia por um tempo e depois desiste deste método.

Em explica o motivo que fez com que ele largasse a agroecologia. Em sua propriedade era plantada soja agroecológica, em determinado momento, quando **Em** foi vender sua soja os peritos constataram que era soja transgênica. Em suas palavras:

[...] em dois mil e seis aí veio o primeiro problema por causa da transgenia, cheguei lá com a carga de soja e deu transgênico... digo:” mas como! Não pode! Eu limpei bem a máquina, tudo e porque aconteceu?” Mas deu. Aí ele falo: “vou fazer outro teste” de novo pego, foi lá, tiro outra amostra, deu de novo, e daí eu com a carga lá, eles não podiam pega, eles não podiam pega a soja contaminada [...] (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 65-70).

Em ficou surpreso, pois segundo o mesmo, seguia os procedimentos necessários para se plantar soja agroecológica, e com isso **Em** supôs que sua soja teria sido “contaminada” por soja transgênica plantada pelos produtores vizinhos.

A propriedade de **Em** é estreita e comprida, segundo ele, este formato da propriedade, somado às plantações de transgênicos dos agricultores vizinhos, foram os motivos que o fizeram largar a agroecologia. O produtor argumenta que a barreira de árvores em volta da propriedade não é intransponível, e, tanto os agrotóxicos como a “transgenia” conseguem transpor a barreira. Na opinião de **Em** foi isso o que aconteceu com ele, sua soja agroecológica foi “contaminada” por soja transgênica. Diante deste problema, o produtor decide largar a agroecologia e voltar à agricultura convencional. Neste sentido, a tradução falhou em seu terceiro momento, devido a hábitos adquiridos por outros produtores e pelo formato da propriedade de **Em**. Entretanto,

podemos realizar uma ligação com Gregory (2002) que destaca que no início da colonização do oeste do Paraná, as propriedades vendidas aos colonos advindos do Rio grande do Sul e Santa Catarina possuíam um caráter estreito e longo, o mesmo caráter da propriedade de **Em**. Como o agricultor herdou a propriedade de seu pai, e também não ampliou o tamanho da mesma, não há como cultivar sem que haja contaminação por produtos transgênicos, como soja e milho. O método cultural dos colonizadores do Oeste Paranaense de dividir as propriedades em faixas estreitas e longas foi um fator adicional que levou, no caso de **Em**, a abandonar o sistema de plantio agroecológico. Desta forma, constatamos a necessidade de observar as diversas redes a que os atores estão conectados (seja ativa ou passivamente).

Neste sentido, uma particularidade encontrada na entrevista com **Em**, foi a sua opinião sobre a agroecologia. Mesmo tendo largado a prática agroecológica ele destaca que ainda gosta do sistema, que se não fosse o problema dos transgênicos ele não teria mudado a prática. Em outro momento da entrevista **Em** é questionado se a propriedade do mesmo tivesse um formato diferente, se ele voltaria para a agroecologia. **Em** responde que sim, em suas palavras, “daí seria diferentes sabe, aí não tinha deixado” (Em Entrevista “1” agricultor, Pesquisa de Campo, Linha 264).

Com isso, entendemos que o quarto processo da tradução se efetivou parcialmente⁹ em **Em**, pois mesmo o agricultor tendo largado a prática agroecológica, ainda reconhece a importância da mesma.

Callon (1986) explica que a tradução é um processo antes de ser um resultado, e este procedimento pode falhar. O menor erro sendo ele advindo de fatores ambientais, sociais, culturais ou econômicos pode acabar com o processo de tradução. Em nosso estudo, compreendemos que foi um fator cultural que prejudicou o processo de tradução e desta forma, tornou impossível ao agricultor **Em** continuar na agroecologia.

Entretanto, da mesma maneira que a agricultura convencional interfere de forma com que os produtores abandonem a agroecologia, ela também contribui para que agricultores adotem e mantenham esta agricultura agroecológica. A saúde é um dos motivos preponderantes neste aspecto uma vez que a intoxicação por agrotóxicos é um dos argumentos mais usados para justificar o abandono da agricultura convencional. Como podemos observar em **Bm** que relata já ter praticado agricultura convencional e utilizava agrotóxicos na lavoura e também nas pastagens. O agricultor ressalta que quando percebeu que isso estava prejudicando sua saúde abandonou a prática do uso de agrotóxicos e foi para a agroecologia. Por fim **Bm** destaca, “é melhor assim, sabendo o que tu come e o que tu respira né?” (Bm: entrevista 1 Agricultor,

⁹ Efetivou-se parcialmente, pois Em vê a prática como agricultura orgânica e não agroecologia.

pesquisa de campo 2014, Linhas 85-86) Além de **Bm** outros agricultores pesquisados também mencionam esse mesmo motivo. **Jf**, por exemplo, diz que seu marido foi intoxicado quando manipulava agrotóxicos nas plantações de fumo. Ao buscar ajuda médica, obteve apenas uma pequena melhora nos sintomas, mas não a cura, passou a se tratar com produtos naturais e desistiram de usar agrotóxicos na lavoura. Ainda segundo essa agricultora, após essa decisão a saúde do seu marido melhorou.

O produtor **Am** também diz que um dos motivos que o mantém na prática agroecológica é porque na agricultura convencional há o perigo da intoxicação. Para ele, que já teve problemas com intoxicação, ficaria difícil voltar a mexer com agrotóxicos. Nota-se que a decisão de não usar agrotóxicos é um benefício da agroecologia para os produtores, principalmente os agricultores que já possuem problemas de saúde.

Por sua vez o produtor **Em**, explica que trabalhava fora da sua propriedade para um latifundiário. Seu trabalho era passar agrotóxicos nas plantações de soja e milho. Com o tempo **Em** começou a se sentir mal, não se alimentava direito e sua saúde piorou. O diagnóstico médico para seus problemas de saúde foi intoxicação por veneno, isto o obrigou a abandonar o emprego na agricultura convencional. Ele afirma que esse foi um dos principais motivos que o levaram à agroecologia.

A intoxicação dos produtores pesquisados não é um fator isolado, Padilha e Brandenburg (2012) também apontam que um dos elementos determinantes para adesão à agroecologia é a saúde pessoal e familiar dos agricultores. A agricultura convencional contribui tanto para a adoção e manutenção da agroecologia, como para a não adesão e não perpetuação desta agricultura. Com preponderância para não adoção. Compreendemos também que as visões de mundo dos atores não devem ser desprezadas, na sequência iremos expor algumas percepções dos atores pesquisados sobre a agroecologia.

Percepções Sobre o “mundo agroecológico”

Segundo Mannheim (1952), as visões de mundo não são descabidas de sentido e fazem parte do produto cultural. Neste sentido, entendemos que algumas posições pessoais dos atores sobre agroecologia devem ser expostas no trabalho. A agricultura familiar possui um caráter heterogêneo, ou seja, está inserida em uma rede híbrida que lhe dão diversas características. Uma destas características é a mudança de percepção do agricultor com relação a sua propriedade. O agricultor **Em** destaca:

[...] estudo sim tem que ter, porque hoje é na propriedade, como se diz... é, se torna uma propriedade empresarial vamo dizer assim né, não é mais o sítio lá e te que diz isso né, cada um é empresário do seu próprio negócio né [...] (Em Entrevista 1 agricultor, Pesquisa de Campo, Linhas 230-232).

Nota-se neste ponto da entrevista que **Em** usa a expressão “propriedade empresarial”. Para **Em** o estudo é importante, pois é necessário para administrar a propriedade, ou seja, **Em** vê a propriedade rural atual como diferente do meio rural mais antigo, para ele a propriedade é um “negócio”, uma empresa. Esta visão de mundo de **Em** é compartilhada por **Jf**:

[...] a nossa propriedade acaba sendo por mais pequenininha ela seja ela é uma empresa familiar e que e que a gente pode rende muito lucro se a gente souber trabalhar basta sabe aprende ninguém nasce sabendo (Jf: entrevista 1 Agricultora, pesquisa de campo, linhas 296-298).

Jf vê sua propriedade como uma empresa familiar, para ela, se souber trabalhar e administrar bem os seus cultivos, apesar de pequena, sua propriedade vira uma empresa familiar. Law (1989), em sua obra *O Laboratório e suas Redes*, destaca as diversas ligações com distintos atores que um laboratório possui, e enfatiza que a líder deste laboratório não é unicamente uma cientista, ela é uma cientista-empresária devido às diversas atividades realizadas pela mesma. De maneira similar podemos ressaltar que os produtores **Jf** e **Em** são agricultores-administradores, pois desempenham diversas atividades distintas em sua propriedade a destacar: plantação, criação de animais, negociação e compra de insumos com distintos atores, entre outras funções. Estas diversas atividades realizadas por estes agricultores, faz os mesmos verem sua propriedade como uma empresa, não apenas um “sítio”. Contudo, para melhor entendermos estes agricultores-administradores, utilizaremos o conceito de híbridos de Latour.

Latour (1994) explica híbridos como um produto composto de elementos heterogêneos sendo humanos e não-humanos, mas não apenas isso, os seres humanos são híbridos por natureza:

Eu talvez use uma furadeira elétrica mas também um martelo. A primeira tem vinte anos, o segundo centenas de milhares de anos. Eu serei um carpinteiro "de contrastes" porque misturo gestos provenientes de tempos diferentes? Eu serei uma curiosidade antropológica? Ao contrário, mostrem-me uma atividade que seja homogênea do ponto de vista do tempo moderno. Alguns dos meus genes tem 500 milhões de anos, outros 100.000, e meus hábitos variam entre alguns dias e alguns milhares de anos (LATOUR, 1994, p. 74).

Neste sentido entendemos que **Jf** e **Em** são agricultores desde o “nascimento”, entretanto, adquiriram características administrativas conforme sua vivência, tornando-se híbridos. Ainda para Latour:

Nós somos tradicionais, então? Também não. A ideia de uma tradição estável é uma ilusão da qual os antropólogos há muito nos livraram. Todas as tradições imutáveis mudaram anteontem (LATOUR, 1994, p. 75).

Concordamos com Latour, as tradições mudam, adquirem novas facetas e, simultaneamente, preservam algumas características, como ficou evidente em **Jf** e **Em** que se autodenominam agricultores-administradores. Mas de que maneira esta empresa familiar contribui para a manutenção da agroecologia? Segundo Caporal (2011), durante a transição da agricultura convencional para a agroecologia, são inseridas mudanças paulatinamente na propriedade, uma destas mudanças é a diminuição da compra de insumos externos. Se o agricultor não administrar de maneira eficaz a sua propriedade, ou seja, qual insumo não comprar, que tipo de insumo continuar a comprar, que quantidade diminuir, a transição para a agroecologia pode falhar. Mas não é apenas na transição que o agricultor deve tomar cuidado, segundo Altieri (2004), a agroecologia deve interagir com setores agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos. Neste sentido, o agricultor deve ter um bom entendimento da questão social e econômica de sua propriedade, para realizar uma boa administração da mesma para aplicar os princípios da agroecologia.

A agricultora **Jf** retrata que muitas pessoas veem a agroecologia como uma prática antiga, superada. Ela não pensa dessa forma, porém, apenas expressa a visão de mundo da maioria dos agricultores. Perguntamos a **Jf** se existem algumas questões culturais que influenciam negativamente na produção agroecológica. Ela responde que muitas vezes a agroecologia é vista por muitas pessoas como algo do passado que na atualidade a produção tem que se basear na tecnologia e não em práticas agrícolas julgadas “atrasadas”. Para melhor compreendermos o depoimento dado por **Jf**, contextualizaremos a opinião de Latour (1994):

A modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas. Ainda assim, todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras "moderno", "modernização" e "modernidade" aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável. Além disso, a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os Antigos e os Modernos. "Moderno", portanto, é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos (LATOUR, 1994, p. 15).

Latour destaca o moderno e o antigo na sociedade contemporânea; vale ressaltar que o autor apenas explica essa dicotomia existente na sociedade, mas não concorda com essa divisão, e é por isso que Latour propõe o conceito de híbridos. Em poucas palavras, moderno é o bom, o melhor, o vencedor. E o passado é ruim, o pior, é o perdedor. Esta explicação de Latour esclarece a ótica dos agricultores sobre agroecologia ressaltada por **Jf**, ou seja, de que a agroecologia é coisa do passado, logo é considerada “ruim” por utilizar técnicas “arcaicas”, algo

“pior”, em relação à agricultura convencional e “perdedora” por não portar alta tecnologia. A partir disso, podemos inferir que esta visão salientada por **Jf** é uma visão compartilhada por muitos atores. Isto pode implicar em uma não adoção da agroecologia, pois nenhum agricultor vai optar por uma prática “ruim”, “pior” e “perdedora”.

Um dos fatos mais importantes identificados no estudo é a não utilização do conceito agroecologia por parte dos produtores. Nos depoimentos dos mesmos não constatamos o uso do conceito agroecologia, mas apenas o conceito agricultura orgânica. Na sequência iremos discutir esse assunto. Ao perguntarmos a **Am** se ele pratica agroecologia em sua propriedade, responde:

É quase agroecologia, não compra produtos fora, né... muda ainda estamos procurando algumas fora, fazendo uma... é um lugar que fica mais ou menos não é bem agroecológico, acho que agroecológico não busca nada de fora, né... o que eu entendo é isso aí (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linhas 40-43).

Am não confirma a prática, pois em seu entendimento a agroecologia não usa insumos que vêm de fora da propriedade e no seu caso, ainda os adquire. **Am** diz, ainda, “na verdade meu sonho é entra na agroecologia” (Am: Entrevista 1 Agricultor, pesquisa de Campo Linha 433). No relato de **Jf**, a mesma enfatiza que ainda não pratica agroecologia, mas sim, agricultura orgânica e que o seu objetivo é “chegar na agroecologia” Nota-se uma semelhança na percepção de ambos, na qual os atores visam a agroecologia como uma finalidade a ser atingida.

Os outros agricultores pesquisados **Bm** e **Em** também não falam em agroecologia, mas sim em agricultura orgânica. **Bm** explica que para ele agroecologia é uma agricultura que não usa insumos químicos e possui um caráter manual, já para **Em**, agroecologia tem que estar em sintonia com o meio ambiente. Enfim, constatamos diferentes percepções sobre o que é agroecologia, mas a pergunta que fica é, porque estes agricultores olham a sua prática como agricultura orgânica e não agroecologia? Geertz (2008) concebe cultura como programas que governam o comportamento, no entanto, algumas “regras culturais” não são comumente aceitas, o que podem gerar conflitos. Em nosso caso não é um conflito explícito, mais sim um conflito implícito, uma resistência por parte dos agricultores em adotar o conceito de agroecologia.

Na concepção de Long (2002), o conceito de Campo de Batalha do Conhecimento implica em uma visão de arenas, onde diferentes indivíduos entram em conflitos e negociações. Para Alves (2008) os agricultores não são folhas em branco à espera de serem “preenchidas por conhecimento” são indivíduos munidos de ideologias, saberes, posições políticas, culturais, etc. Este “conflito”, esta resistência por parte dos produtores em não adotar o conceito de agroecologia nos remete ao conceito de interface social.

Long (2002) destaca seis diferentes interpretações sobre a interface social, todavia utilizaremos três destas concepções. Num primeiro momento Long explica a interface como conflitos culturais, nos quais os indivíduos expressam suas opiniões pessoais e a cultura implícita nos atores é exteriorizada. Com isso, entendemos que a cultura dos agricultores, seus conhecimentos, suas visões de mundo, ou seja, sua “cultura agrícola” propiciou terem a posição de praticar agricultura orgânica e não agroecologia. Podemos construir uma ponte teórica com Eagleton (2005), este autor nos ensina que a cultura individual, implícita nas pessoas (visões de mundo, ideologias, saberes, etc.) está em constante conflito com a cultura como civilidade (os programas de regras que governam o comportamento enfatizado por Geertz (2008)). Nota-se, então, que a cultura individual dos agricultores entra em “choque” com a cultura como civilidade, em nossa pesquisa, a agroecologia. Em suma, o técnico representante da agroecologia, tenta “impor” o conceito aos agricultores que não é aceito, e é substituído por outro conceito de melhor entendimento dos agricultores, o que nos leva a noção de interface.

A interface também procura compreender como o conhecimento é produzido cognitivamente e socialmente. Compreendemos que o conhecimento relativo à agroecologia não foi construído socialmente de maneira eficaz, ou seja, os representantes da agroecologia que explicitaram os saberes envolvendo o conceito o fizeram de maneira ou simplista ou complexa. Tendo ocorrido de maneira simplista, não ficou claro aos produtores o que é agroecologia, se aconteceu de maneira complexa, ficou muito confuso e os produtores não entenderam o seu significado. De qualquer forma, entendemos que este conhecimento envolvendo o conceito de agroecologia foi construído cognitivamente, ou seja, individualmente. Essa compreensão individual implica em diversos entendimentos do conceito, como foi exposto anteriormente. Estas diferentes compreensões do que é agroecologia, conseqüentemente, fez com que os produtores vissem sua prática como agricultura orgânica e não agroecológica.

Assis e Romeiro (2002) explicam que dentre os tipos de agriculturas alternativas existentes a agricultura orgânica foi a mais difundida no Brasil. Concordamos com esses autores uma vez que os agricultores de nossa pesquisa relatam a sua atividade como agricultura orgânica e apenas o técnico da associação fez referência ao conceito agroecologia. Os demais atores (consumidores, agricultores e trabalhadores da associação) usam apenas o conceito “orgânico”. O que pode ter acontecido também é que em algum momento estes produtores tiveram contato com o conceito agricultura orgânica antes do conceito agroecologia. Este ponto nos remete novamente ao conceito de tradução.

O processo de tradução acontece em quatro momentos: a problematização, o *interessamento*, matrícula ou alistamento e a mobilização. A problematização pauta-se pelo levantamento de assuntos problemáticos por determinado ator, e o mesmo propõe soluções. Em

nosso caso, os problemas levantados foram, principalmente, a contaminação por agrotóxicos tanto de produtores como de alimentos. O ator que realizou esta problematização foi um ator representante da agroecologia, podendo ser um técnico, sindicato ou ONG.

Em seguida, o *interessamento* envolve ações efetivadas pelo ator principal (representante da agroecologia) para tentar estabilizar as identidades dos outros atores colocando-os em posições definidas ou quase definidas. Esta estabilização e posicionamento dos atores em posições definidas é, em nosso estudo, a entrada dos agricultores na agroecologia, ou seja, os produtores abandonam a agricultura convencional e iniciam a prática agroecológica (estabilização) e são posicionados como agricultores agroecológicos (a posição é definida). Desta maneira a problematização foi validada.

Na matrícula as funções designadas nos processos anteriores devem ser cumpridas, este ponto foi eficaz, pois os agricultores pesquisados, com exceção de **Em** que largou a prática, ainda mantém suas funções, ou seja, ainda estão na agroecologia.

Por último, o ator principal procura indivíduos que possam ser porta-vozes fiéis que reproduzem fielmente o seu discurso. É neste momento em que a tradução pode falhar, pois os agricultores não reproduzem fielmente o discurso do representante da agroecologia, uma vez que se referem a sua prática como agricultura orgânica e não agroecológica. Este aspecto está relacionado com a terceira noção de interface.

A interface também é entendida como o procedimento discursivo dos atores, ou seja, os discursos realizados podem ser aceitos ou recusados; no estudo o discurso “praticar agroecologia” é recusado e substituído por: “eu pratico agricultura orgânica”. Para Long, os discursos têm o poder de derrubar ou reforçar projetos de desenvolvimento rural. É com base nesta concepção que afirmamos a nossa posição de que esta percepção dos agricultores com relação ao conceito agroecologia faz com que ocorra a não adoção de mais agricultores a esta agricultura, pois, se os praticantes da agroecologia afirmam que não executam esta prática agrícola, então quem pratica agroecologia?

Apesar da posição dos agricultores com relação ao conceito sobre agroecologia, entendemos que a atividade por eles desenvolvida é agroecológica. Vale enfatizar que o nosso objetivo aqui não é suscitar um debate envolvendo o conceito de agricultura orgânica e nem desprezar as percepções dos agricultores, apenas em nosso entendimento compreendemos que a prática realizada se insere na concepção de agroecologia. Contudo, para melhor argumentar a nossa posição, trazemos à tona uma definição de um autor sobre o conceito de agricultura orgânica.

Abreu *et al* (2012) enfatizam que a agricultura orgânica tem suas raízes nas ciências do solo, e tem por princípios ser um sistema de produção de alimentos que combina as melhores

práticas ambientais e um elevado nível de biodiversidade. Os autores também destacam que a agricultura orgânica visa apenas à substituição de insumos em detrimento do redesenho de agroecossistemas. Já a agroecologia como ciência propõe métodos e conhecimentos para que o agricultor chegue a uma agricultura sustentável. A agroecologia prima pelo redesenho dos agroecossistemas e envolve também o setor social, ambiental, cultural e econômico. A agroecologia como prática tem por finalidade utilizar ou resgatar os saberes tradicionais, usando-os nos agroecossistemas. De um modo geral, a agroecologia como prática e ciência visam à sustentabilidade social, econômica e ambiental do meio rural.

Após demonstrarmos a diferença entre as duas práticas agrícolas, chegamos à conclusão que os produtores pesquisados embora pessoalmente não se sintam inseridos como praticantes da agroecologia, na verdade são produtores agroecológicos pelos seguintes motivos observados:

- 1) Como já foi constatado o agricultor **Bm** tem uma propriedade diversificada, que é uma das diretrizes da agroecologia;
- 2) Segundo Altieri (2004) em alguns momentos os produtores aplicam agrotóxicos em suas propriedades, e a agroecologia mostra diretrizes de como fazer isso, aspecto evidenciado em **Am** que já usou agrotóxicos em seus cultivos e **Jf** que em uma parte de sua propriedade ainda usa insumos químicos;
- 3) Altieri (2004) também ressalta que a agroecologia proporciona diversidade de produtos e de qualidade, também visto na pesquisa;
- 4) A agroecologia oferece conhecimentos e metodologias para os produtores, aspecto constatado no produtor **Am** que fabrica composto para utilizar em seus cultivos, e também em **Jf** que faz uso da homeopatia;
- 5) A transição agroecológica propunha mudanças de cunho social e cultural, além da mudança dos hábitos produtivos também constatado nos agricultores pesquisados;
- 6) A agroecologia é vista por Brandenburg (2002) como uma alternativa de produção, também constatado na pesquisa;
- 7) Gliessman (2000) enfatiza a diminuição do uso de insumos químicos na propriedade que ficou evidente no estudo;
- 8) A agroecologia prima pela revitalização dos saberes tradicionais e a preservação dos mesmos que foi confirmado no decorrer da pesquisa.

Sendo assim, os produtores praticam vários princípios agroecológicos, talvez ainda não chegaram a uma agricultura sustentável, que é o objetivo da agroecologia, mas visam essa finalidade. É neste requisito que a agroecologia se pauta, pois ela oferece um “caminho” para a agricultura sustentável, sendo esse o estágio final deste modelo de agricultura. Porém, apesar de ainda não ter alcançado a sustentabilidade na agricultura, não significa que estes agricultores não

praticam agroecologia. Em nossa avaliação, esta visão exposta pelos produtores, conseqüentemente, não atrai novos agricultores para a agroecologia, pois, se os praticantes desta agricultura admitem que não a exercem, ficará muito difícil difundir esta prática agrícola bem como estabelecer uma rede estável e viável que possibilite suporte para quem já executa esta atividade.

Considerações finais

A intenção de realizar uma pesquisa envolvendo cultura e agroecologia pautou-se pela intenção de realizar uma abordagem diferente sobre esse tipo de agricultura. Com essa abordagem distinta, objetivávamos analisar a agroecologia sob vários ângulos no sentido de trazer à tona não somente as facilidades e benefícios da agroecologia, mas também, as dificuldades enfrentadas pelos seus praticantes e suas concepções culturais.

Notamos, no estudo, que um dos principais motivos que levam os produtores a adotarem a agroecologia e manterem esta prática é a intoxicação por agrotóxicos. Outro ponto interessante é como as facilidades encontradas na agricultura convencional podem influenciar os produtores agroecológicos a abandonarem essa prática. Em nossa avaliação sobre a interação entre cultura e agroecologia, entendemos que a cultura influencia de diferentes maneiras a adoção ou não da agroecologia, bem como, a permanência do agricultor nas práticas agroecológicas. Alguns aspectos culturais permitem adoção e a manutenção desta prática, outros fatores culturais influenciam os produtores a não adotarem e não manterem esta agricultura. Em suma, constatamos que a agroecologia está em constante conexão com distintos aspectos culturais, que podem tanto beneficiar ou prejudicar a mesma, cabendo aos atores sociais a tarefa de construção de redes mais estáveis para sua efetivação.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Adilson.F. **Do Desenho a Implementação de projetos de desenvolvimento rural sustentável: interfaces e negociações no projeto vida na roça (Paraná)**. 2008. 234, p. Tese. UFSC. Florianópolis. 2008.
- ALTIERI,M. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre. 4°.ed. Editora UFRGS. 2004.
- ASSIS, R,L. ROMEIRO, A,R. **Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências**. Curitiba.2002. Disponível em:<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/viewFile/22129/14493>> Acesso em: 23 de dez.2014.
- ABREU, ET AL. **Relações entre Agricultura Orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia**. Curitiba. 2012. Disponível em:<<http://orgprints.org/24207/1/Abreu,%20L.%20S%3B%20Bello,%20S%3B%20Brandenburg,%20ARele%20entre%20agricultura%20org%20e%20agroecologia.pdf>> Acesso em: 20 de dez. 2014.

- BRANDENBURG, A. **Movimento agroecológico: trajetória, condições e perspectivas.** Curitiba. 2002. Disponível em:<http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/agricultura_meio_ambiente/Alfio%20Brandenburg.pdf> Acesso em: 06 de dez.2014.
- BAUMAN, Z. **Ensaio Sobre o Conceito de Cultura.** Rio de Janeiro, Zahar. 2012.
- BUAINAIN, A.M. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: Questões para Debate.** Brasília. IICA: 2006.
- BUAINAIN, A, M. *et al.* **Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural.** Porto Alegre. 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/soc/n10/18723.pdf>> Acesso em: 10 de dez.2014.
- CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural.** 5°. ed. São Paulo: Papirus. 2008.
- CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieu Bay First. In. J. Law, Power, **action and belief: a new sociology of knowledge?** London, Routledge.1986. Disponível em:<[http://www.vub.ac.be/SOCO/tesa/RENCOM/Callon%20\(1986\)%20Some%20elements%20of%20a%20sociology%20of%20translation.pdf](http://www.vub.ac.be/SOCO/tesa/RENCOM/Callon%20(1986)%20Some%20elements%20of%20a%20sociology%20of%20translation.pdf)>.
- CAPORAL, F.R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** In. **Princípios e Perspectivas da agroecologia.** Paraná. Instituto Federal do Paraná. 2011, p.83-119.
- EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura.** São Paulo: Editora Unesp. 2005.
- GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável.** Porto Alegre. 1° ed. Editora UFRGS. 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas.** 1°. ed.13° reimpr. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. 2008.
- GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70).** Editora Universitária da Unioeste. Cascavel.2002.
- GOMES, J.C.C. **As bases epistemológicas da agroecologia.** In. **Princípios e Perspectivas da agroecologia.** Paraná. Instituto Federal do Paraná. 2011, p.13-44.
- LEFF, E. **Agroecologia e Saber Ambiental.** Porto Alegre. 2002. Disponível em:<http://www.pvnocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf> Acesso em: 01 de dez. 2014.
- LAW, J. **Notas sobre a teoria do ator-rede: Ordenamento, Estratégia, e Heterogeneidade.** 1992. Disponível em:<<http://www.necso.ufrj.br/Trads/>> Acesso em: 01 de dez.2014.
- LONG, N. An Actor-oriented Approach to Development Intervention. In: **Rural Life Improvement in Asia: Report of the APO Seminar on Rural Life Improvement for Community Development.** 2002.
- LARAIA, Roque B. **Cultura um Conceito Antropológico.** 24°. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.
- LAW, J. **O laboratório e suas redes.** 1989. Disponível em:<<http://www.necso.ufrj.br/Trads/>> Acesso em: 01 de dez. 2014.
- LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos. Ensaio de Antropologia Simétrica.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 1994.
- MANNHEIM, K. **On the interpretation of Weltanschauung.** In *ibid.* **Essays on the sociology of Knowledge.** London: Routledge & Kegan Paul: 33-83.1952.
- PADILHA, D, O. BRANDENBURG, A. **Mercados, Atores e a construção da racionalidade ambiental em Rio Branco do Sul, PR.** In. **Agricultores ecológicos e o ambiente rural: visões interdisciplinares.** São Paulo. Annablume. 2012. p.189-230.
- WEZEL, *et al.* **Agroecology as a science, a movement and a practice.A review.** 2009. Disponível em:<<http://agroeco.org/socla/wp-content/uploads/2013/12/wezel-agroecology.pdf>> Acesso em: 01 de dez.2014.

Recebido em 01/06/2015 – Aprovado em 30/10/2015.